PEKUla

PHOTO ALBUM 2015

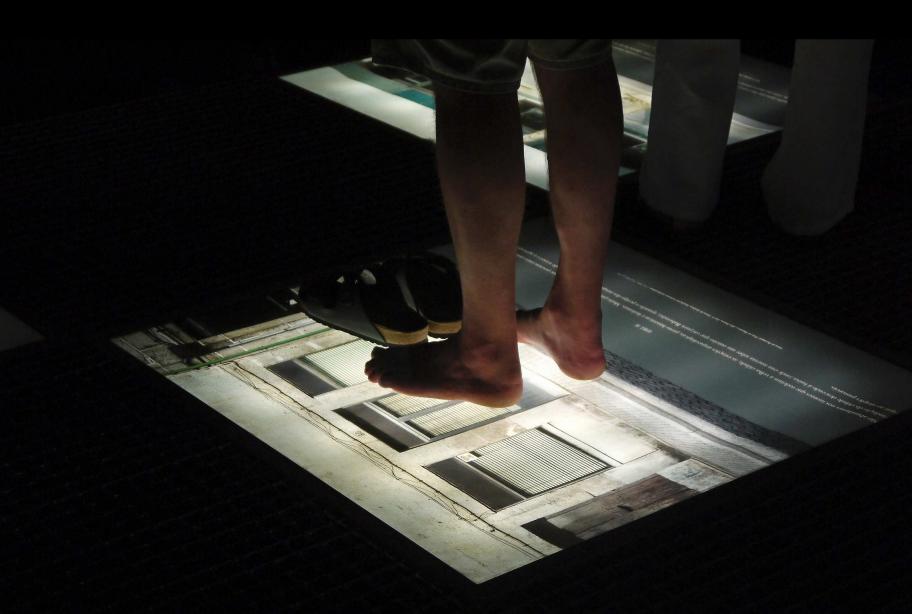




PHOTO ALBUM 2015

PELIKULA PHOTO ALBUM 2015

Nº 4 - Edição Anual (em papel e online)

Revista Online: www.issuu.com/pelikularevista

Mail: pelikularevista@yahoo.com

Comprar a revista em papel (a preço de custo): www.blurb.com

® pelo autor desse livro. O autor detém direitos autorais exclusivos pelas colaborações neste livro.

A Blurb Inc detém os direitos autorais dos designs de layout/elementos gráficos fornecidos pelo Blurb. Livro criado com o serviço de publicação criativa Blurb.

O autor do livro detém direitos autorais exclusivos por suas colaborações a este livro.



PELIKULA PHOTO ALBUM 2015

Nº 4 - Edição Anual (em papel e online)

Conselho Técnico: Luís Ferreirinha, Mário Esteves, Zeca Neto, Filipe Carneiro

Apoio Informático: Filipe Lourenço

Princípio Editorial: "fotografía em cru" - este é o conceito que a revista procura; um pequeno acerto de pós-produção é aceitável.

Convite:

Os apaixonados pela fotografía que pretendam publicar nesta revista poderão enviar as suas fotografías ou artigos de texto até ao dia 15.Dezembro.2015 para o mail: pelikularevista@yahoo.com

Pede-se um mínimo de 2000 pixeis no lado pequeno da foto.

Assume-se que os trabalhos enviados são de autoria legítima e de carácter gratuito. Admite-se também que os autores permitem o ajuste necessário para uma melhor composição gráfica da revista e que obtiveram a respectiva autorização dos modelos fotografados.

Revista Online: www.issuu.com/pelikularevista

Mail: pelikularevista@yahoo.com

Comprar a revista em papel (a preço de custo): www.blurb.com

Tema central: "Formas de Expressão"

Tema do próximo número 2016: "Desporto"

Fotografia da capa: O Hélder António

Fotógrafos:

Acúrcio Moniz | Ana Osório | Ana Rita Lopes | António Gonçalves | Arturo Cánovas Molina | Carlos Fernandes | Carlos Tiza | Celso Rocha | Dânia Marques | Eugénio Fonseca | Filipe Carneiro | Filipe Sousa | Gil Milheiro | Gustavo Pires Morais | Hélder António | Inês Carneiro | Isabel Costa Pinto | Joana Teixeira | João Hernâni Tavares | Jorge Reis | José Loureiro | José Vaz Silva | Luís Ferreirinha | Manuel Varzim | Maria Isaura | Mário Esteves | Nelson Santos | Nuno João | Octávio Carneiro | Paulo Silva | Renato Roque | Rita Moniz | Rui Apolinário | Rui Costa | Sérgio Bastos | Sérgio Pereira | "Zeca" José Neto |

DOMINGO

Porto, domingo. Morre de cansada a tarde ruiva de olhos azulinos, isto apesar de não ter feito nada pois que guardou os ócios citadinos.

Foi para a Foz, levou a pequenada para os folguedos próprios dos meninos, e a certa altura estava tão corada como quem bebe largos vinhos finos.

Agora esvai-se e mancha de vermelho os vidros altos deste Porto velho que muito preza as tardes domingueiras.

É que amanhã começa uma semana de luta imensa e inveja e luta insana, uma infernal semana de canseiras.



A HISTORIA DA ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO

Desde a sua origem ancestral na terra que o Ser-Humano procurou marcar a sua presença no mundo, exprimindo emoções e pensamentos através de múltiplas formas de arte. A Arte define-se como qualquer atividade ou produto humano que, realizado com sentido estético, exprima um conceito.

Olhando à história do tempo assiste-se a um crescimento prodigioso na manifestação artística, o que constitui um instrumento útil e fundamental na compreensão axiológica dos povos.

A estudo da "História da Arte" iniciou-se no Renascimento (séc. XIV) e as diferentes formas de arte apresentam atualmente a seguinte classificação: literatura, pintura, escultura, arquitetura, música, dança, teatro, cinema, fotografia, design e artes plásticas.

Considerada como uma ciência multidisciplinar, a história da arte conseguiu com enorme brilhantismo proceder à sua organização de acordo com diferentes eras:

- . Pré-História (c. 25.000 4.000 a.C.)
- Antiguidade (c. 3.500 a.C.)
- . Idade Média (c. 300 1350 d.C.)
- . Idade Moderna (c. 1350 1850 d.C.)
- . Arte Contemporânea (séc. XIX atualidade)

Pré-História (c. 25.000 – 4.000 a.C.)

A manifestação mais conhecida desta era são as pinturas rupestres nas cavernas, traduzindo a realidade do homem caçador-coletor.

São também construídas as primeiras ferramentas, em pedra, osso e madeira; mais tarde surgem os utensílios em cobre, ferro e bronze.

A nível arquitectónico são de realçar os magníficos monumentos do megalítico: dólmens (ou antas), menires e cromeleques (ex. Cromeleque dos Almendres em Évora e Stonehenge em Inglaterra).

Vários elementos arqueológicos também sugerem que a música e a dança já existiam neste período, embora de uma forma muito rudimentar. Pensa-se que a observação dos sons e movimentos da natureza terá despertado no homem a necessidade da sua organização agradável e útil, recorrendo basicamente a um processo de imitação.

Antiguidade (c. 3.500 a.C.)

Este é considerado como o primeiro período da História, caracterizado pela invenção da escrita.

Surgem as primeiras grandes civilizações na margem dos rios Nilo, Tigre e Eufrates: o Egito e a Mesopotâmia (a Mesopotâmia corresponde hoje ao Médio Oriente, designadamente à região da Síria e do Iraque).

A primeira forma de escrita conhecida foi o estilo cuneiforme na Mesopotâmia; os egípcios utilizavam os hieróglifos ("escrita pintada") e a língua hebraica foi a primeira a apresentar um alfabeto. Começam a ser redigidas as primeiras escrituras bíblicas e algumas epopeias.

A música confere suporte ao canto litúrgico (hinos e salmos), onde os meios tons ainda não existiam. Os instrumentos mais utilizados seriam a flauta, a lira, o tambor e o pandeiro.

A nível arquitectónico o Egito destacou-se pela sua elevada organização e monumentalidade. Utilizavam blocos de pedra de grande dimensão e predominavam as formas geométricas. As construções mais conhecidas são as pirâmides, os monumentos funerários (túmulos e sarcófagos), os obeliscos e as esfinges.

Duas outras grandes civilizações surgem também na antiguidade, embora mais tardiamente: a Grécia Antiga e o Império Romano.

. A Grécia Antiga (c. 1100 a.C.) apresentava uma orientação social e moral muito ligada ao pensamento e à reflexão. A Grécia foi o berço da filosofia clássica e imortalizou os seus filósofos. Foi também na Grécia Antiga que se criou e desenvolveu o conceito de Democracia (demos – povo ; kratos – vontade).

A nível arquitectónico os teatros estavam vocacionados para o drama e a comédia e os templos seriam utilizados como espaço de discussão filosófica e de adoração aos deuses do olimpo.

A literatura grega ficou marcada pela sua célebre poesia épica - A Ilíada e Odisseia de Homero, ainda hoje de leitura obrigatória.

. A Rebública Romana (c. 509 a.C.) deu continuidade ao Império Romano (c. 27 a.C.) e regia-se por uma sociedade fortemente bélica, vocacionada para a arte da guerra no ofício da conquista e expansão do território.

A escultura visava a força masculina e exaltava a fertilidade feminina, em que múltiplas estátuas de guerreiros e vénus faziam parte do seu imaginário místico.

A preocupação de um corpo e mente saudáveis, como condições necessárias para o sucesso na guerra, conduziu a um estilo arquitectónico com maior interesse de "serviço público" do que sentido estético. São exemplos disso os numerosos espaços termais para repouso e recuperação (ex. Conímbriga em Portugal), os aquedutos de águas livres, a vasta rede de esgotos e os imponentes teatros para divertimento e libertação do espírito. O teatro mantinha a lógica do sangue e da batalha, tendo como conceito principal o famoso *circo romano* onde se assistia à luta entre gladiadores e ao sacrifício de prisioneiros lançados às feras.

Idade Média (c. 300 – 1350 d.C.)

Eminentemente religiosa, a arte medieval centrou-se na exaltação e difusão do Cristianismo.

Reza a história que o imperador romano Constantino (c. 305 d.C) na véspera de uma importante batalha teve a visão de uma cruz de fogo que destruía os seus inimigos. Ao mesmo tempo ouvia uma voz que dizia - *in hoc signo vinces* – "sob este símbolo vencerás". No dia seguinte mandou gravar uma cruz no escudo de cada um dos seus soldados e, contra todas as expectativas, venceu a batalha. A partir daí protegeu e oficializou o Cristianismo (até então perseguido) e toda a idade média sofreu desde essa altura uma forte influência da Igreja Católica, quer a nível social, cultutal e científico.

O Canto Gregoriano constitui a expressão musical mais importante da idade média. Foi implementado pelo Papa Gregório Magno (Roma, 540-604 d.C.), padroeiro dos músicos, estudantes e professores. Baseando-se no princípio de Santo Agostinho de que "quem canta um texto sagrado ora duas vezes", Gregório Magno fez questão de criar este interessante estilo musical ainda hoje único e muito apreciado. Os monges Gregorianos desenvolveram também um código de escrita da música que permitia a reprodução e imortalização dos seus cânticos. Ao longo dos séculos esse processo de escrita foi-se aperfeiçoando e culminou na partitura musical praticada nos dias de hoje.

A pintura é marcada pelo aparecimento das iluminuras. As iluminuras são pinturas muito decorativas, coloridas e ornamentadas, utilizadas habitualmente em códices e livros sagrados, conferindo-lhes uma aspeto belo e imaginativo. Ainda hoje as iluminuras fazem parte da edição de algumas obras de carácter restrito e com elevada qualidade gráfica, geralmente ligadas às belas-artes ou a livros de natureza bíblica.

A arquitetura destacou-se pela construção de basílicas e catedrais, com os seus grandiosos arcos e abóbadas. Os mosaicos e pinturas a óleo foram também muito utilizados, servindo principalmente como elementos decorativos.

Idade Moderna (c. 1350 – 1850 d.C.)

Inicia-se com o *Renascimento* e representa um período de grande desenvolvimento cultural e científico na Europa. A disputa entre protestantes e católicos repercute-se no humanismo e assiste-se a uma construção mais científica do homem, considerando-o no contexto de um universo mais global.

Copérnico e Galileu questionam e revolucionam muito do conhecimento instalado e lançam a conhecida teoria heliocêntrica.

Guttemberg inventa a imprensa (1398-1468, Império Romano-Germânico).

A pintura, a arquitetura e a escultura sofrem processos de metamorfose vertiginosa - arte renascentista, barroco, rococó, romantismo, naturalismo, etc.

Vários nomes de relevo ficaram ligados às diferentes artes e ciências nesta era de profunda mudança: Leonardo da Vinci, Ludwig Beethoven, Amadeus Mozart, Frédéric Chopin, Cervantes, Shakespeare, Camões, etc.

Arte Contemporânea (séc. XIX - atualidade)

Lançam-se as bases de uma sociedade diferente com a instauração de governos democráticos e procura-se o abandono do absolutismo.

No plano económico-político vive-se o auge da revolução industrial (já antes iniciada no final do séc XVIII) e assiste-se a uma marcada luta de classes a par do aparecimento do Marxismo.

A liberdade social conduz a uma enorme multiplicidade de correntes artísticas, com uma forte ênfase no questionar de todos os conceitos clássicos. Quase que se cria o paradigma da anti-arte e pretende-se derrubar a tradição. Está lançado o "conceito do feio" como forma de expressão.

Vários estilos e estéticas se sucedem a par da pulverização do pensamento: expressionismo, cubismo, surrealismo, etc.

Se esta tendência foi marcante a nível da pintura, mostrou-se transversal a outras formas de arte, designadamente na arquitetura, escultura, cinema e fotografia.

A fotografia é talvez hoje a forma de arte com mais impacto global. Nasceu no séc XIX (1839) e teve como fundadores Niépce e Daguerre, em França, e Henry Talbot em Inglaterra. Em Portugal Carlos Relvas (1838 – 1894) foi talvez o maior impulsionador da fotografia no nosso país e recomenda-se vivamente a visita à sua Casa-Estúdio na vila Ribatejana da Golegã.

Renato Roque (Fundador do Photobook Club do Porto) questionava em determinada altura: "Porque gosto tanto de fotografar? Será obsessão?"

Mais tarde, e já em conversa, chegamos à conclusão de que fotografar transmite alegria! Fotografar permite um registo interessante da vida e contribui para o belo sentimento de apreciar o mundo.

Filipe Carneiro

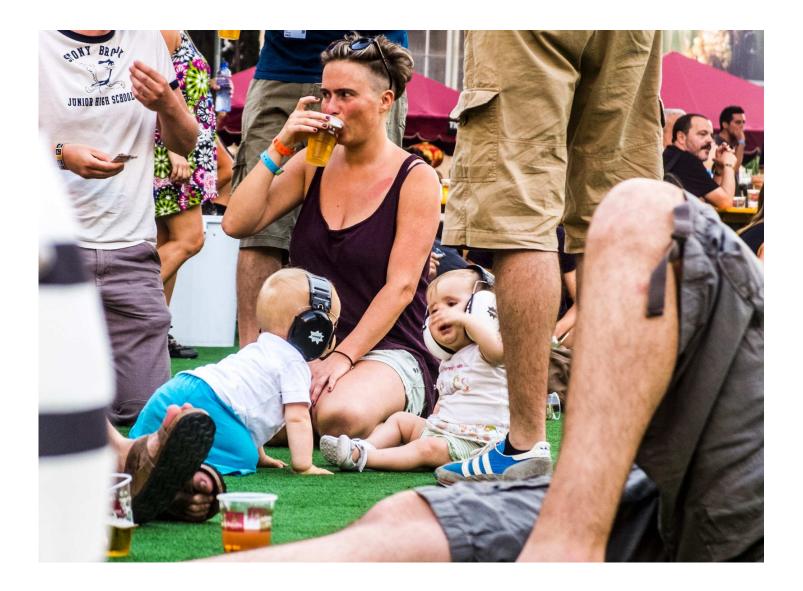






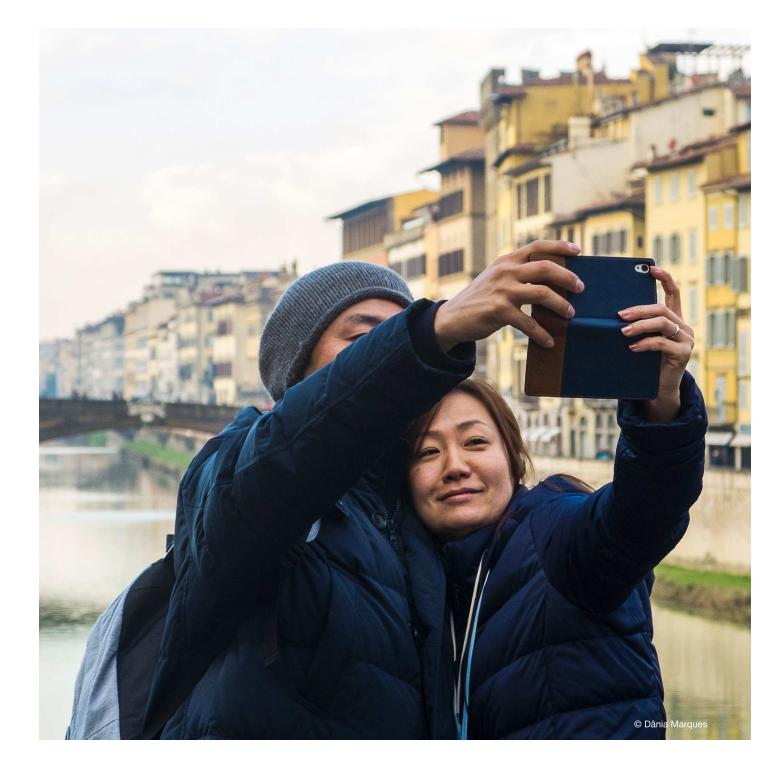










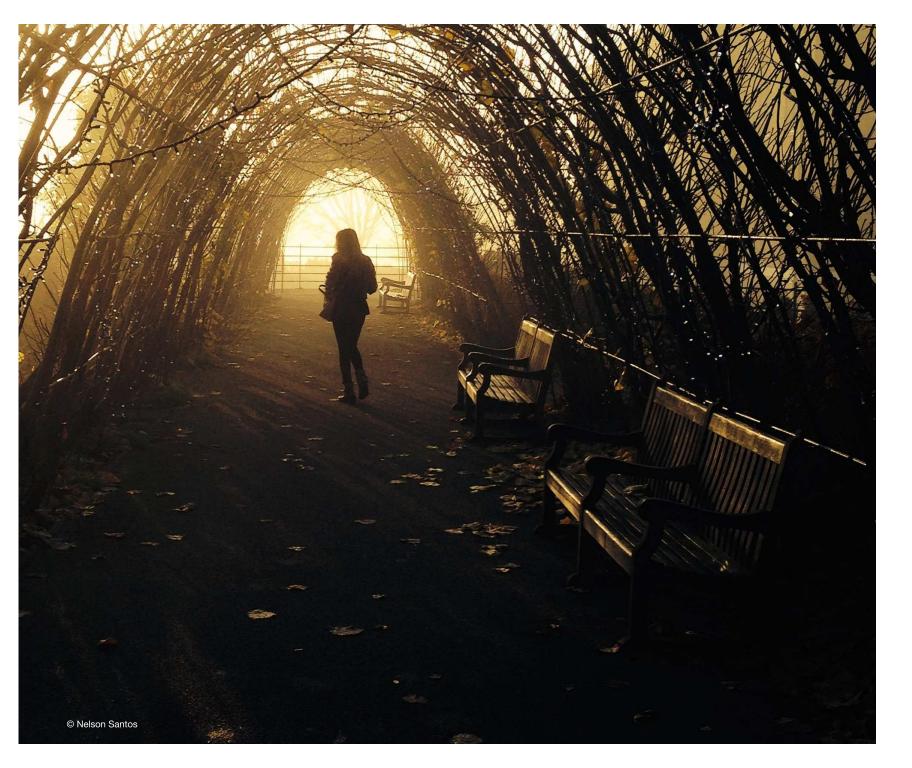




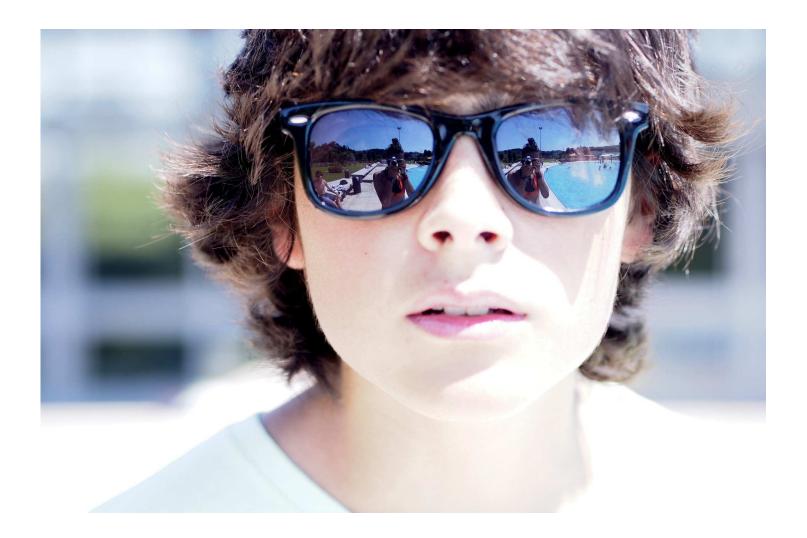












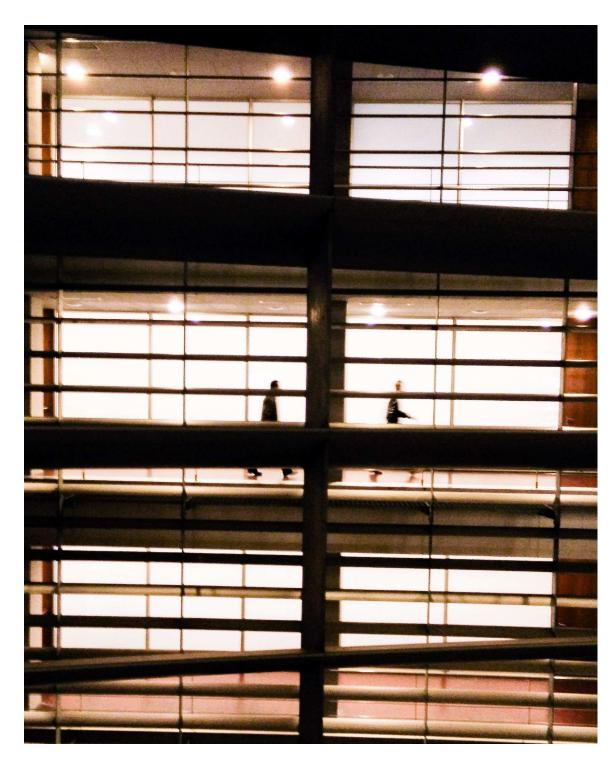




























A ESPERANÇA E O DESESPERO

Vivemos tempos difíceis, em que se acentua a ideia de que o desespero pode ocupar uma parte importante do nosso dia a dia. Torna-se difícil viver confortavelmente, sem esperança.

Para além do sentimento individual, somos ainda confrontados diariamente com os arautos da desgraça, para quem tudo isto está sempre pior do que o que já sentimos. E pior, são os que ainda nos tentam convencer de que não existe solução...

Mas porquê tanta tristeza, tanto desalento?

Porque existe mais fome? Ou será porque desaprendemos a gestão individual e global dos recursos disponíveis?

Porque existe mais dificuldade na instrução dos mais novos? Ou porque existe pouca vontade de ensinar, pouco conhecimento para ensinar e muitas vezes pouca vontade de aprender?

Porque desaprendemos (ou nunca aprendemos) que o resultado final e o sucesso é o resultado do esforço e organização continuada - e não o mero resultado da sorte?

Porque desaprendemos (ou nunca aprendemos) que existe quem, por dificuldades ou incapacidades involuntárias, não consegue viver condignamente sem a ajuda e a colaboração de todos?

Porque desaprendemos (ou nunca aprendemos) que toda a Sociedade espera de cada um o máximo aproveitamento das potencialidades individuais, e colocadas ao serviço do bem comum?

Precisamos claramente de um dos mais importantes e marcantes elementos essenciais ao desenvolvimento e melhoria das sociedades: empenho, disponibilidade, atitude positiva e acreditar na grandiosidade de todos que diariamente com o seu esforço, empenho e dedicação continuam teimosamente a acreditar que é possivel mudar.

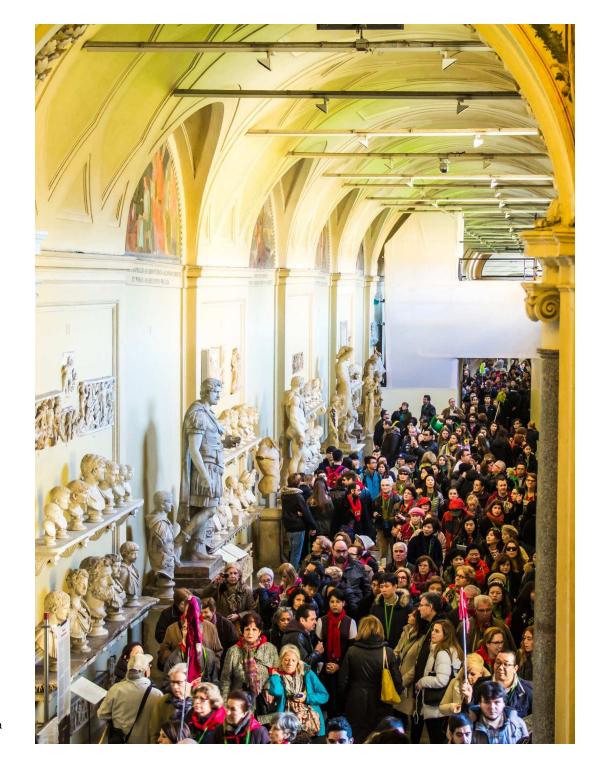
Jorge Reis

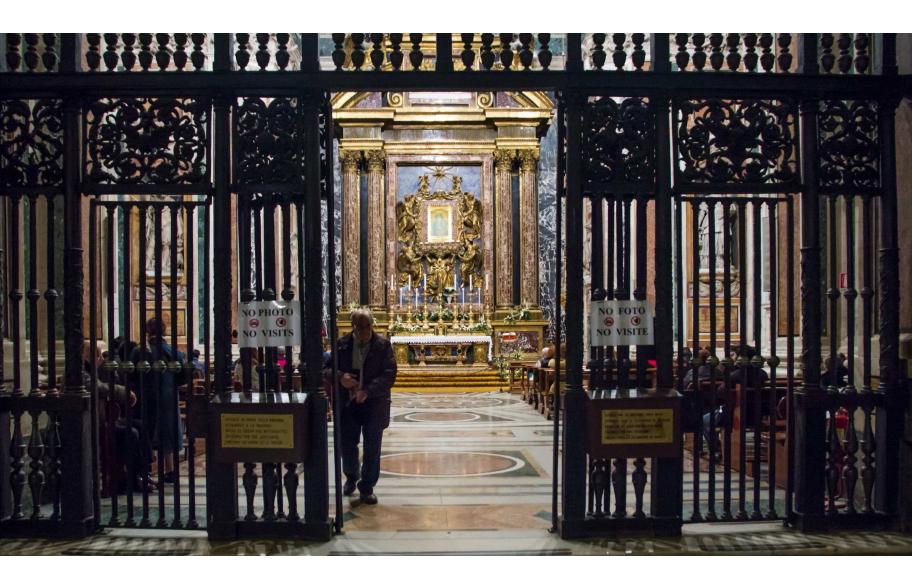








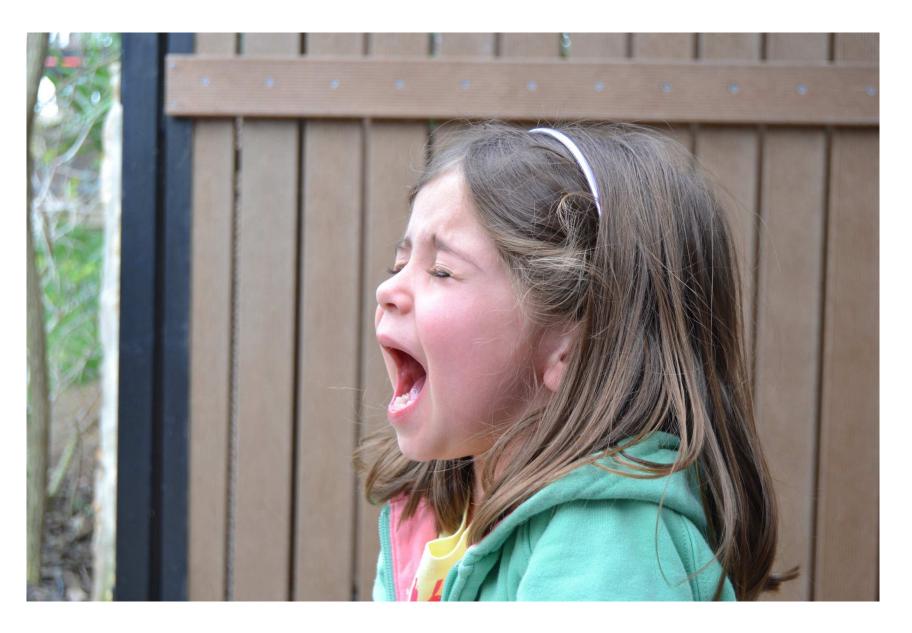


















FOTOGRAFIA COMO FORMA DE EXPRESSAO

(texto de Manoel de Barros adaptado à fotografia por Renato Roque)

O que resta de grandezas para nós são os desconheceres – completou. Para enxergar as coisas sem feitio é preciso não saber nada. É preciso entrar em estado de árvore. É preciso entrar em estado de *palavra-imagem*. Só quem está em estado de *palavra-imagem* pode enxergar as coisas sem feitio.

• • •

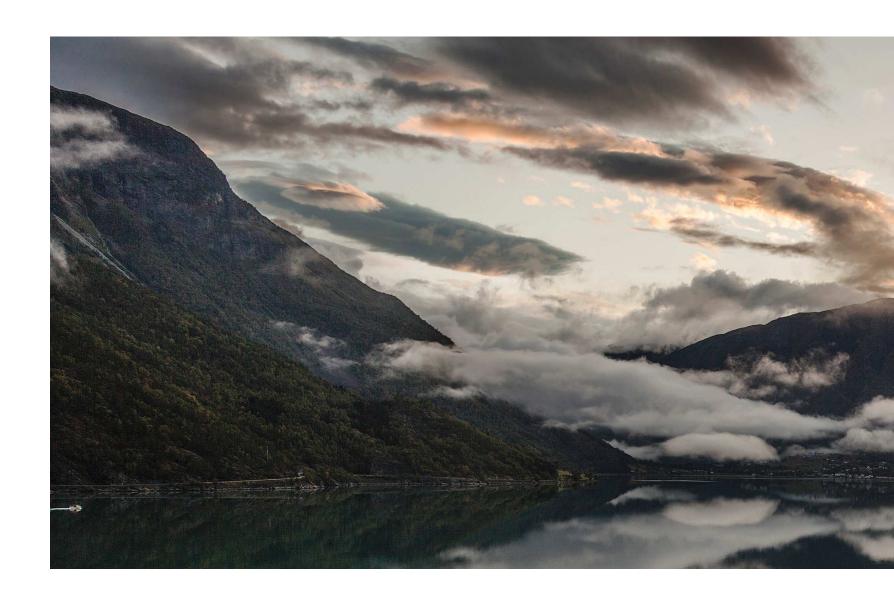
Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas *imagens* que ainda não tenham idioma.

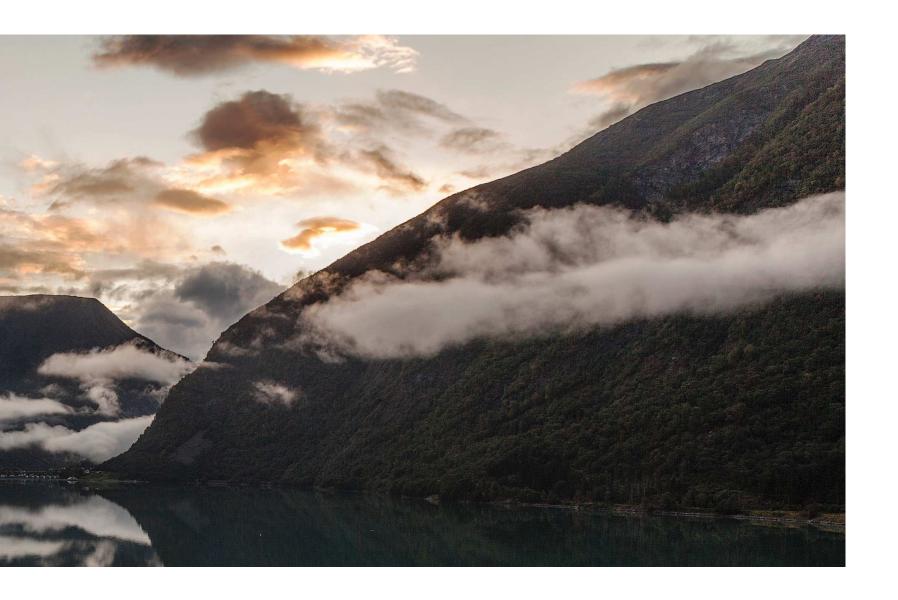
...De tarde fui olhar a Cordilheira dos Andes que se perdia nos longes da Bolívia. E veio uma iluminura em mim. Foi a primeira iluminura. Daí botei *minha primeira imagem*: aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem. Mostrei a obra pra minha mãe. A mãe falou: Agora você vai ter que assumir as suas irresponsabilidades. Eu assumi: entrei no mundo das imagens.

. . .

A poesia está guardada nas *imagens* – é tudo que eu sei. Meu fado é o de não saber quase tudo. Prepondero a sandeu. Sobre o nada eu tenho profundidades. Não tenho conexões com o real. Para mim, poderoso não é aquele que descobre ouro. Poderoso para mim é aquele que descobre as insignificâncias: (do mundo e as nossas). Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil. Fiquei emocionado e chorei. Sou fraco para elogios.













O MÁGICO E ENERGÉTICO AMANHECER NO BUND EM XANGAI

Há viagens que nos marcam, e esta viagem fotográfica à China é um marco importante na minha entrada no mundo da fotografia. Nada como iniciar esta aventura em ótima companhia e num país que tem tanto para ficar gravado para lá da nossa memória.

A China é um verdadeiro paraíso, para os amantes dos pormenores, das paisagens arrebatadoras, dos rostos envelhecidos, dos efeitos luminosos... enfim, todos os que gostam de fotografar encontram lá o seu nicho e um pouco mais!

Ana Rita Lopes







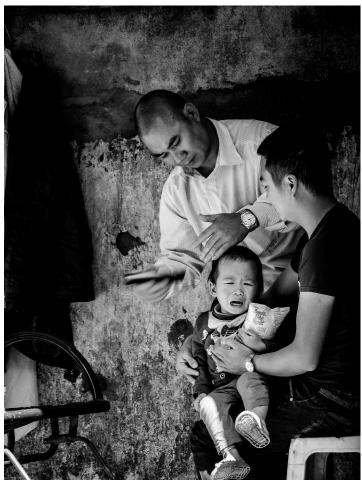












VIETNAM Aldeia tribal dos H'Mong Baía de Ha Long Barbearia improvisada na rua...















A PALAVRA

É essencialmente pela palavra que comunicamos. É essencialmente pela palavra que contactamos. A palavra é a chave, a grande chave que nos permite chegar aos outros, À sua alma, Abrindo-a, Permitindo que os nossos pensamentos gostos e sentimentos, se possam transmitir e dar a conhecer.

E aos vindouros, chegaremos através e sempre, pela palavra escrita.

Que depois mais tarde,

Será lida, será dita.

















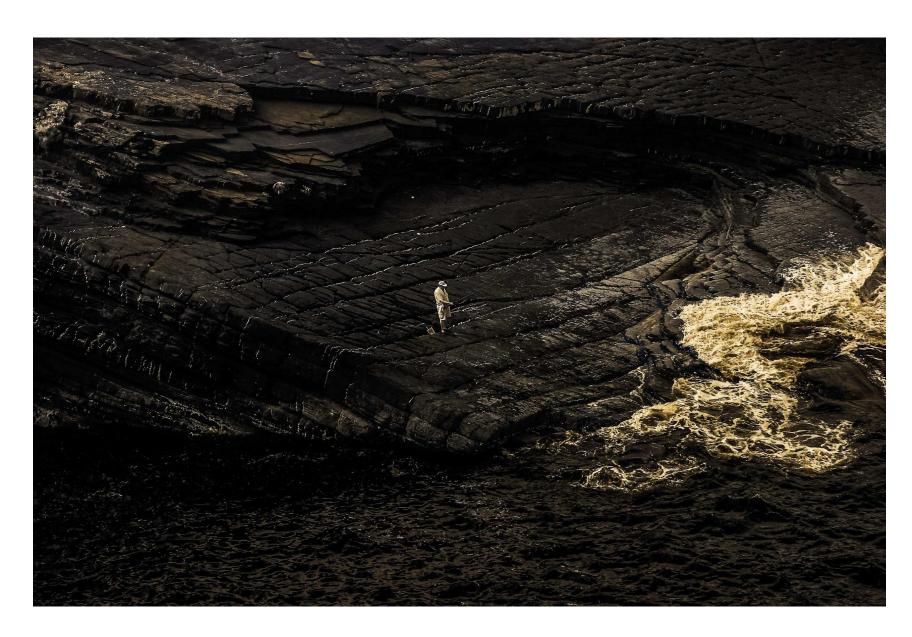


















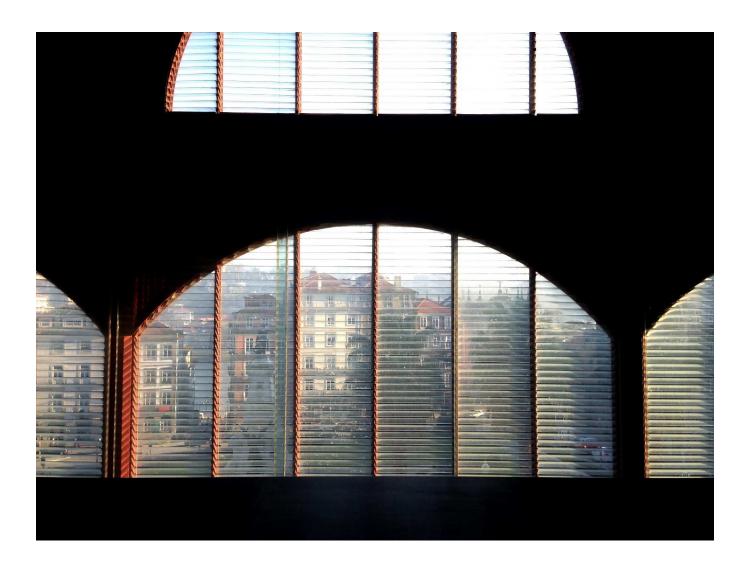






















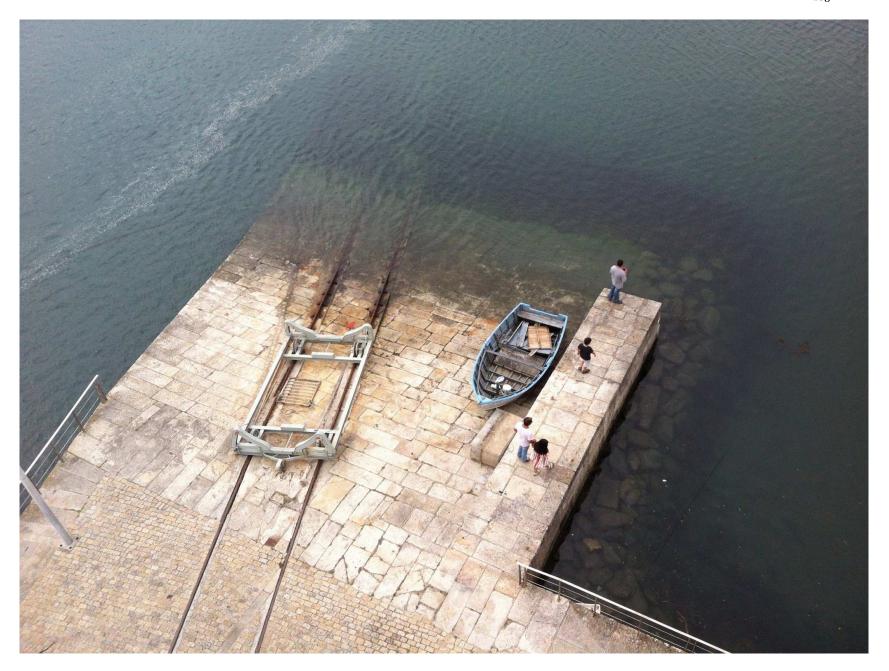








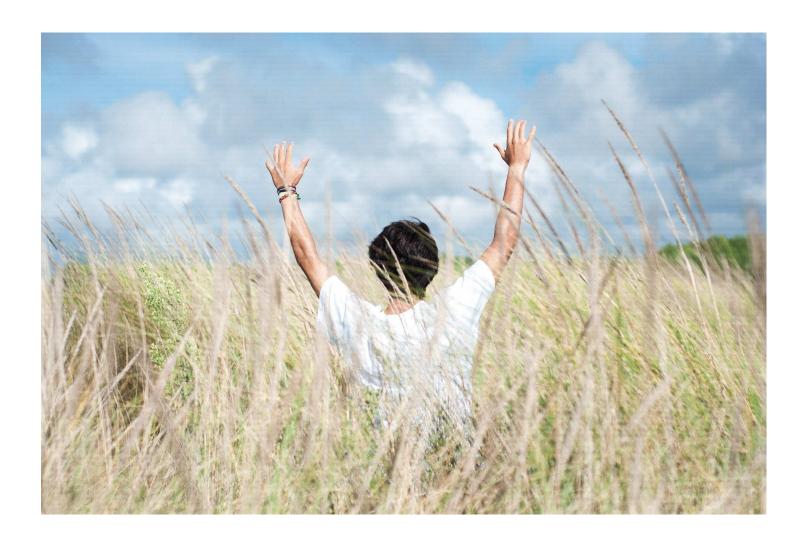












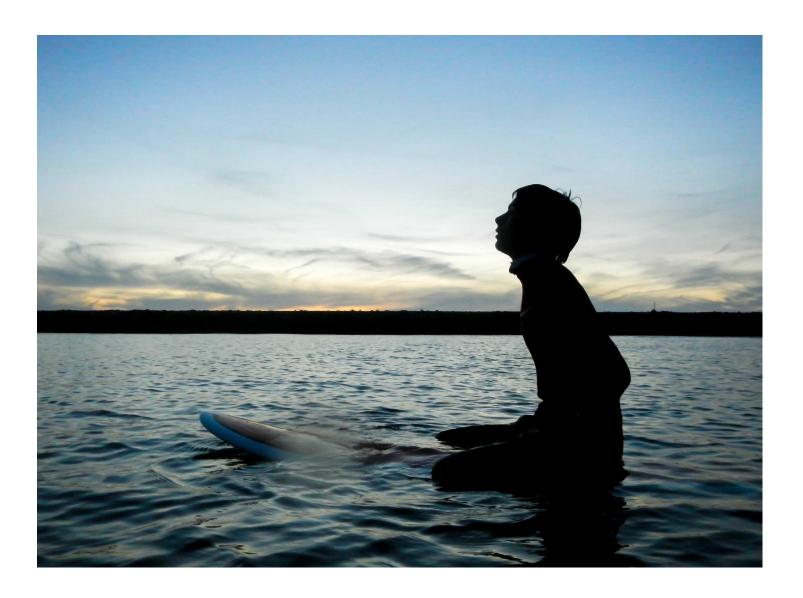


















DOIS RECAMBOLESCOS CONCERTOS E UM OUTRO MAGISTRAL

No Verão de 1978 fui convidado pela Secretaria de Estado da Cultura, juntamente com um outro colega do Porto, para darmos três concertos de guitarra clássica em três cidades do norte do país: Bragança, Chaves e Braga. Na altura, eu e o José Pina (um excecional guitarrista portuense, a quem o Porto muito deve pela sua brilhante carreira artística e pedagógica), dávamos aulas de guitarra em escolas da cidade e formávamos um inovador duo de guitarra clássica, raro em Portugal. Nesses quatro ou cinco anos em que o duo se manteve ativo percorremos o país, de lés a lés, tocando nas principais cidades e partilhando um pouco da nossa arte musical. De todos estes concertos, com algumas estórias para contar, esta sequência que agora partilho foi, sem dúvida, a mais inesquecível.

Os concertos foram marcados para os dias 1, 2 e 3 de Outubro (domingo a terça-feira), tendo como pretexto as comemorações do dia de Santa Cecília, padroeira da música.

Saímos no sábado, logo a seguir ao almoço, fazendo a viagem num Austin Mini, já velhinho, que o meu colega tinha na altura.

Deve sublinhar-se, para quem não tiver essa noção, que na época não existiam telemóveis nem auto-estradas, nem muito menos *internet, gps* ou qualquer género de *bookings* que permitissem, paulatinamente, marcar o roteiro ou reservar hotéis com a devida antecedência. Uma viagem dessas até Bragança, que não conhecíamos sequer, era por isso a mais pura e genuína aventura.

Imbuídos desse espírito, lá nos enfiamos pelas estradas nacionais. Lembro-me de passar por Fafe, e mais ainda por Murça, com as suas famosas e retorcidas curvas. Foi talvez por essa altura, já a tarde caía, que o pobre carrito começou a dar os primeiros problemas.

Primeiro ia abaixo em pleno andamento, sem qualquer razão que o explicasse. Mantendo o carro em movimento, o meu colega lá dava à ignição, e ele lá pegava. Assim fomos fazendo ao longo de alguns quilómetros, sem percebermos ao certo o que estaria a acontecer.

Mais adiante começou a aquecer o motor em demasia, deitando fumo pelo capô. Parámos e verificámos que havia um pequeno furo no radiador, pelo

que tratamos de arranjar uma garrafa de água com que, volta e meia, o atestávamos para poder prosseguir a viagem. Levou várias vezes água da fonte, colhida junto à estrada e do mais puro que havia, para ver se lhe fazia bem à saúde. Não demos conta que registasse qualquer melhoria...

Às tantas, de tanto dar à ignição, o pulso do meu colega começou a queixar-se, e passei a revezá-lo nessa missão. O problema é que o carro também deixou de ligar, particularmente quando estava em subidas, vá-se lá saber porquê. O remédio era deixar que ele descaísse e esperar que pegasse de marcha atrás, para logo se galgar mais algumas centenas de metros... até que lá ia abaixo outra vez! Uma cruz tamanha, que ajudou a aguçar o apetite, pelo que resolvemos às tantas parar para jantar, dando também descanso ao estafado veículo.

Fosse porque o cansaço era já evidente, ou porque a fome apertava, ou ainda porque a carne era efetivamente de primeira escolha, o bife que então comemos, num restaurante ao pé da estrada, foi dos que melhor me soube até hoje!

Continuamos a nossa aventura noite dentro em direção a Bragança, mantendo-se o ritmo do atesto de água no radiador e a persistência do motor em ir abaixo. Conseguimos, ainda assim, chegar ao nosso destino às duas da manhã, mortos de cansaço e cheios de sono.

A aventura seguinte foi tratar de arranjar hotel. Perguntamos no primeiro que encontramos, e estava cheio. Fomos ao seguinte, e cheio estava, e ainda a outro... e nada! Às tantas resolvemos questionar um recepcionista sobre o que se passava na cidade para não haver onde dormir. A resposta foi desconcertante: "Então não sabem que amanhã abre a época da caça ao coelho cá na zona? Os hotéis estão, com certeza, todos cheios de caçadores...".

Bonito!

Sem outra solução, resolvemos dormir no carro, junto à Polícia local, com as guitarras e as malas no banco de trás e nós os dois nos bancos da frente, que obviamente não rebaixavam! Acordamos no dia seguinte banhados pelos primeiros raios matinais e com um maravilhoso canto de pássaros, mas completamente agoniados e percebendo que tínhamos arranjado uma dor nas costas que não vos conto!

Metemos logo pés a caminho à procura do melhor hotel da cidade, e conseguimos um quarto no Hotel Turismo, entretanto vago desde muito

cedo, onde recuperámos um pouco do sono até ao almoço.

No início da tarde, de guitarras em punho, fomos conhecer a sala onde iríamos tocar no Museu do Abade Baçal, bem no centro da cidade. Recebeu-nos o porteiro do museu, com um ar muito espantado, barrandonos a entrada e informando que o museu estava em obras e que a dita sala nem chão tinha! Tratava-se por isso de um logro lamentável, e o máximo que consequimos foi obter o telefone da diretora do Museu, com quem estávamos a falar minutos depois, regressados ao hotel. Confirmou efetivamente a impossibilidade de se efetuar o concerto, questionando-se porque ninguém nos tinha avisado a tempo. A muito custo lá a convencemos que não tínhamos ido ali em vão, e que era fundamental arranjar-se outro local onde pudéssemos atuar. Algumas horas depois tínhamos a confirmação, pela diretora, de que o concerto iria ocorrer na Câmara de Bragança, contando com a presença da RDP 2, que iria gravar o concerto para divulgação local. Quanto à audiência, estaria assegurada, pois a própria tinha-se encarregado de fazer uns quantos telefonemas às suas muitas amigas, para que divulgassem o acontecimento.

Considerando as inúmeras peripécias acumuladas nesses dois dias, o concerto até nem correu mal. Deu-se mesmo o caso de, recorrentemente, o nosso duo de guitarras ser acompanhado por um terceiro elemento, totalmente desafinado e naturalmente indesejável, é certo. De facto, um dos ouvintes plantados na primeira fila era um senhor idoso e barrigudo que roncava absurdamente durante a nossa atuação, e que apenas acordava com as palmas no final de cada peça, para logo voltar ao trombone vocal minutos depois! Uma loucura! Nem imagino como terá ficado a gravação para a rádio!

No dia seguinte tratamos de procurar arranjar o carrito (uma rica conta, diga-se de passagem, que nos absorveu a maioria do valor com que a Secretaria de Estado da Cultura nos financiou os concertos). Felizmente, problemas com a viatura foi coisa que não mais tivemos. Ao menos isso! Mal o Austin ficou pronto abalamos para Chaves, onde tínhamos de tocar nessa noite numa das igrejas da cidade. Chegamos à hora de almoço e tratamos de arranjar logo dormida (gato escaldado...), para logo ir, como habitualmente, experimentar a acústica da igreja. Parecia de propósito: igreja fechada a sete chaves!

Descobrimos o sacristão e, com ar intrigado, perguntamos-lhe porque

estava fechada a Igreja, uma vez que íamos lá tocar nessa noite. Muito lesto, e dando-se ares de algum desprezo, tratou de nos elucidar: "Então vocês não sabem ainda que o Papa morreu? As igrejas estão todas fechadas, meus amigos, esqueçam o concerto!".

Efetivamente o papa João Paulo I tinha falecido poucos dias antes, pelo que as igrejas cumpriam o luto respetivo, tendo sido cancelados todos os eventos profanos, incluindo naturalmente o nosso concerto.

Mais uma vez, toca de telefonar à organizadora, na esperança de se arranjar uma alternativa.

Conseguiu-nos desencantar uma sala no Liceu da cidade, e disponibilizounos uns *stencils* (uma espécie de "fotocópia ranhosa" da época), que à
pressa se produziram com o programa do concerto. Andamos nós os dois
pelos cafés da cidade a entregar pessoalmente esses prospetos, a quem
estava sentado às mesas, anunciando com o nosso melhor sorriso:
"Vejam, somos nós! Venham ouvir-nos logo à noite no Liceu, vão gostar!".
Algo impensável nos dias de hoje, provavelmente seríamos corridos pela
porta fora como se fossemos dois quaisquer pedintes!

Certo é que à hora do concerto tínhamos a sala cheia, o que foi para nós uma pequena vitória. Contudo, estranhamente, após o intervalo, só cerca de metade da audiência regressou para continuar a ouvir-nos! Contaramnos mais tarde que se aperceberam que alguns dos desistentes comentavam enquanto abandonavam o recinto: "Foi tão bonito!... Só foi pena ter durado tão pouco tempo.". Pois é, naquela terra parece que não sabiam o que significava a palavra "intervalo", nem tão pouco perceberam que havia ainda mais peças para ouvir, para além das que tínhamos tocado até então!

O concerto de Chaves acabou por ser um bom ensaio para o concerto principal, o último da série, que estava agendado para o dia seguinte no Museu dos Biscainhos, em Braga.

Aqui sim, tudo estava muito bem organizado: uma sala de sonho, enorme e com uma excelente acústica, completamente cheia e com pessoas a pé nas alas, à hora do início do concerto. Portamo-nos à altura, motivados por todo esse ambiente, tendo sido por isso mesmo o nosso melhor concerto.

De tal forma a atuação decorreu de forma brilhante que, no final, surgiu espontaneamente um convite para abrirmos a classe de Guitarra no novo Conservatório Calouste Gulbenkian de Braga.

Claro que aceitamos todos orgulhosos, tendo por lá andado a ensinar ao longo de vários anos. Dois rocambolescos concertos e um outro magistral, tudo acabando por resultar num final feliz e numa rica estória para contar um dia aos netos.

Manuel Varzim (texto e foto)





PELIKULA PHOTO ALBUM 2015

Nº 4 - Edição Anual (em papel e online)

Revista online: www.issuu.com/pelikularevista

Mail: pelikularevista@yahoo.com

Comprar a revista em papel (a preço de custo): www.blurb.com